



MULHER ESCRAVA: UMA RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA SLAVE WOMAN: A HISTORIC REFRAMING

Igor Gonzaga Lopes
Universidade Federal de Goiás – UFG
Campus Catalão
Carina Loureano de Carvalho
Universidade Estadual de Goiás – UFG
Campus Pires do Rio

Resumo

O presente artigo busca discutir o papel da mulher escrava no Brasil a partir da obra literária “As Vítimas Algozes”, escrita por Joaquim Manoel de Macedo. A obra analisada está dividida em três narrativas: *Simeão: o crioulo*, *Pai-Raiol: o feiticeiro* e *Lucinda: a mucama*, lembrando que esta última narrativa será a mais importante para a pesquisa por abordar questões específicas sobre a mulher escrava. Vale salientar que abordar a História da população negra no Brasil, assim como as especificidades em relação às mulheres negras escravas, é, sem dúvida, algo instigante, pois cada vez mais este assunto tem sido debatido na recente historiografia sobre a escravidão. Quando se pensa em mulher escrava, há uma necessidade de ressignificação histórica ainda maior, visto que o grupo social ao qual pertencia não teve muita atenção de historiadores em diferentes momentos históricos. Partindo dessas análises, precisa-se entender que as experiências das mulheres negras escravizadas devem ser levadas em conta ao se escrever a História da escravidão e do próprio país, pois o conhecimento de suas estratégias de sobrevivência e de mobilidade social, não apenas permitem que a História das mulheres seja vislumbrada num aspecto mais amplo, como torna possível uma revisão crítica da escrita histórica.

Palavras Chave: História – Escravidão – Resistência

Abstract

This article discusses the role of slave women in Brazil from the literary work “As Vítimas Algozes”, written by Joaquim Manoel de Macedo. The analyzed book is divided into three narratives: *Simeon: the Creole*, *Father Raiol: the sorcerer* and *Lucinda: the maid*, noting that the latter narrative is the most important to this research once it addresses specific questions about the slave woman. It is worth noting addressing the history of black people in Brazil, as well as the specificities in relation to black women slaves, is certainly something exciting, because this issue has been more and more debated in recent historiography on slavery. When one thinks of a slave woman, there is a need for even greater historical reinterpretation, as the social group to which she belonged did not get much attention from historians in different historical moments. Based on these analyzes, one needs to understand that the experiences of enslaved black women must be taken into account when one writes both the history of slavery and the country itself, for the knowledge of their survival strategies and social mobility, not only allow history women be glimpsed in a broader aspect, as make possible a critical review of historical writing.

Keywords: History - Slavery - Resistance



Introdução

A pesquisa desenvolvida objetiva discutir qual foi o papel da mulher escrava no Brasil, no século XIX, a partir da obra literária “As Vítimas Algozes”, escrita por Joaquim Manuel de Macedo, publicada pela primeira vez em 1869. Salienta-se que para a pesquisa proposta será utilizada a edição publicada em 2012.

A obra em questão está dividida em três capítulos narrativos: *Simeão: o crioulo*, *Pai – Raiol: o feiticeiro* e *Lucinda: a mucama*, sendo este último de suma importância neste trabalho, no qual se procura abordar as especificidades acerca da mulher negra escrava, algo que tem sido discutido, cada vez mais, pelos estudiosos na recente historiografia brasileira. Nesse sentido, percebe-se que “os desafios levantados no tocante da condição da mulher negra no Brasil e suas raízes históricas são inerentes aos círculos acadêmicos” (GOMES, 2003, p.60).

Ao mencionar a mulher escrava, resgata-se um período de extrema opressão à população negra, no intuito de investigar o universo de quem viveu a experiência de ter sua identidade inviabilizada e ser submetida à violência. Mas, também, destaca-se suas ações de resistência ao sistema escravista. Para tanto, utiliza-se, como fonte para desenvolver a pesquisa, o livro *As Vítimas Algozes*, do autor Joaquim Manuel de Macedo, principalmente a narrativa de “*Lucinda, a mucama*”, a qual encontrou forma de resistir à escravidão.

Salienta-se ainda que, numa perspectiva de rediscussão, é preciso marcar presença na construção de uma nova sociedade, utilizando dos instrumentos possíveis, sendo escolhida a fonte literária para (des)construir ideias e atitudes que vêm tendo a sociedade atual em relação ao papel da mulher escrava no século XIX.



Desse modo, a importância dos estudos sobre as mulheres no Brasil remete a um passado em que elas eram negligenciadas em diferentes tempos históricos como agentes da história. A função das mulheres na sociedade era determinada de acordo com sua posição social, regida e administrada pelo poder do Estado. No entanto, ao pensar na mulher escrava, surge a necessidade de ressignificação histórica, visto que o grupo social ao qual pertencia não teve importância em diferentes momentos históricos, em que estudar o papel social e as condições de vida da mulher escrava pareceu fundamental para se entender a história da escravidão brasileira. A atual situação da mulher negra é fruto de raízes históricas pautadas em suas lutas, apesar de que sua principal função era exercer diferentes tarefas, entre elas, a do cuidado do lar das senhoras brancas e ricas.

Partindo dessas análises, precisa-se entender que as experiências das mulheres negras escravizadas devem ser levadas em conta na hora de escrever a história da escravidão e do próprio país, pois o conhecimento de suas experiências, suas estratégias de sobrevivência e de mobilidade social, não apenas permitem que a história das mulheres seja vislumbrada num aspecto mais amplo, como tornam possível uma revisão crítica da escrita histórica.

Procura-se perceber as representações históricas no que se refere ao universo cultural e social dos negros, tentando descobrir e recuperar aspectos da vida cotidiana dos escravos e suas manifestações. Procurando, desta forma, acessar a dimensão imaginária da sociedade e nela observar como mulheres negras se inseriam e como foram percebidas culturalmente. Sendo assim, Gomes (2003, p. 26) assevera que:

ao comparar o trabalho pistas, detalhes, partículas, infinitos sinais da realidade, que, entrelaçadas num contexto nos permitem decifrar sua complexidade, elucidando o universo simbólico mais amplo das experiências humanas no qual inserem, saímos atentos às “pegadas” e “sinais” deixados pelos negros.



Nesse sentido, procura-se libertar os negros do esquecimento na memória, observando seus gestos, atitudes e comportamentos frente à escravidão e à expectativa de liberdade, atividades de trabalho, afeições que permitem recuperar algumas dimensões de sua vida cotidiana.

Procura-se compreender o cotidiano das mulheres escravas, suas formas de sobrevivências e resistências para saber como se manifestavam diante do sistema escravista no século XIX, a fim de procurar integrar a mulher negra de forma respeitosa na sociedade. Dessa forma:

é indispensável refletir sobre as características específicas das diversas formas de ficção, das relações particulares que o texto literário, o autor e a escola, a que se filiam, estabelecem com a realidade e definem a representação que dela edificam. As formas como autor, escola e gênero de texto literário concebem produção artística devem ser buscada em seus caracteres próprios. O discurso literário manifesto em texto, expresso em prosa ou verso, envolve modalidades de narrativa com características próprias, inclusive, na sua forma de lidar, captar e tratar as questões propostas por uma sociedade e por um tempo, como o conto, a Crônica, a novela, o romance, a tragédia, a comédia ou o poema (PINSKY; LUCA, 2009, p. 45).

A literatura se apresenta sobre vários tipos de gêneros literários, como o lírico e o drama, em que ambos determinam tanto as relações da literatura com a realidade quanto à função dela com as escolas literárias. Desse modo, a relação entre História e Literatura permite identificar quem fala, de onde fala e que linguagem está usando.

Percebe-se então que a representação literária envolve uma tomada de posição crítica e ideológica do escritor diante da realidade, pois a literatura se diferencia através de expressões escritas, procurando demonstrar a realidade, através de um fato histórico, podendo influenciar uma infinidade de obras que darão origem a um determinado movimento literário. Sendo assim, busca-se conhecer o autor e, posteriormente, compreender o papel da mulher escrava.



Joaquim Manoel de Macedo

Após uma vasta leitura, percebe-se que Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí, no Rio de Janeiro e formou-se em medicina em 1844, nesse mesmo ano, estreou como escritor, lançando “A Moreninha”, seu mais famoso romance. A partir de pesquisa bibliográfica e na *internet*, sabe-se que ele atuou como jornalista, político, militante e professor de História e Geografia do Brasil no Colégio Pedro II, e que foi sócio fundador do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (THGB). É patrono da cadeira n.º.20 da Academia Brasileira de Letras.

Sua obra é de linguagem simples, podendo ser compreendida por todos os leitores. Há, em seus romances, a simplicidade de estilo e o senso de observação do costume e da vida familiar dos cariocas da segunda metade do século XIX. Descreveu os costumes da sociedade carioca, suas festas, tradições, intrigas, amores, mistérios. Suas obras contam com finais felizes e vitórias do amor (CRUZ, 2011, p.38).

É de uma importância enfatizar que Joaquim Manoel de Macedo ajudou a implantar o Romantismo no Brasil e a Revista Guanabara, que contribuiu de modo significativo para a sedimentação do movimento romântico em sua primeira fase, exemplificando a organicidade do romantismo brasileiro e contribuindo para a consolidação do projeto romântico de tentar criar uma identidade nacional. Foi um dos autores mais lidos de sua época e seus principais trabalhos foram: A moreninha (1844); O moço loiro (1845); Os dois amores (1848); Rosa (1849); Vicentina (1853); O forasteiro (1855); A nebulosa (1857), este considerado pelo crítico Antônio Cândido como seu melhor romance (PINTO, 2008, p. 1).

Um convite para aventurar-se na obra literária: *as vítimas algozes*

A obra *As Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, publicada pela primeira vez em 1869, constitui uma narrativa de traços emancipacionistas, que conta



histórias de escravos de confiança que traíram os seus senhores e senhoras, roubando, assassinando, envenenando e corrompendo. A obra está dividida em três narrativas, sendo que a primeira, conta a história de *Simeão, o crioulo*, a segunda, a de *Pai Raiol, o feiticeiro* e a terceira conta a história de *Lucinda, a mucama*.

A narrativa apresenta características diferentes, enfatizando os personagens ao demonstrar sua forma de luta pela liberdade e pela resistência na procura de viver melhor na sociedade. As expectativas desses negros eram, de alguma forma, que pudessem acelerar o processo de abolição, pois seus senhores não aceitavam o fim dessa abolição por medo de perderem seus escravos. Acredita-se, assim, que se faz necessário uma abordagem das três narrativas da obra literária, para maior entendimento sobre essas vítimas algozes.

Simeão: o crioulo

Através da leitura reflexiva da obra, constata-se que *Simeão, o Crioulo* é a narrativa do fazendeiro Domingos Caetano, casado com Angélica, que, ao dar à luz a sua filha Florinda, teve que confiar em uma escrava para amamentá-la, porque essa havia acabado de dar à luz um menino. Passados dois anos, a escrava ama-de-leite de sua filha morre. Angélica e Domingos passam a criar como filho adotivo Simeão, o crioulo filho da escrava. Borges (2010), diz que:

Criando o crioulo com amor maternal. Simeão podia sentar-se à mesa para fazer as refeições e tinha um lugar no quarto dos seus senhores para dormir, todavia, conforme ia crescendo, afluía sua condição de escravo. Assim ao completar oito anos de idade, Simeão perdeu o direito de sentar-se à mesa e o lugar no quarto dos senhores, porém, era preservado do trabalho árduo (p.23).

Simeão continuou a ter alguns privilégios com tratamento diferenciado, que lhe davam a impressão de ser um homem livre, mas como qualquer outro escravo tinha o sonho de ter a sua liberdade. O tempo passou e essa liberdade nunca chegava. Então,



Simeão foi flagrado por Florinda, filha de Domingos e Angélica, roubando de seus senhores, mas ele negou o roubo. Porém, Domingos ficou sabendo de tudo através de outra escrava. O senhor castigou o jovem com o chicote, sendo a primeira vez que Simão recebeu este castigo, apesar de ser muito comum entre os escravos. Assim, criado em meio à liberdade, mas sem poder usufruí-la plenamente, Simeão passou a invejar e a odiar seus senhores. Percebe-se esse tratamento diferenciado quando se visita a obra do autor, que enfatiza:

Simeão devia ter vinte anos: era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres físicos, aliás, favoravelmente modificados pelo clima e pela influência natural do país onde nascera não tinham sido ainda afiados pelos serviços rigorosos da escravidão, embora ele fosse escravo (MACEDO, 2012, p. 04).

Com o sonho da alforria e com as esperanças de conquistar sua liberdade, após a morte de Domingos, Simeão fica ao lado de seu “dono” até os seus últimos momentos, interessado em ganhar sua liberdade. Domingos antes de morrer deixa registrado que Simeão só seria alforriado quando Angélica, sua esposa, morresse, o que o deixou revoltado ao saber. Martins (2013, p. 27), assevera que “Simeão planeja o assassinato de sua senhora e toda a família, para ficar com sua fortuna e ganhar a liberdade. Contudo, os planos dão errados, Simeão mata a família, porém, também é morto e seus cúmplices presos”.

O autor termina a primeira narrativa, dizendo que “é força santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforque para sempre a escravidão (MACEDO, 2012, p. 36).” Sentimentos instintivamente piedosos e fraternais são substituídos pela desumanização que a escravidão acarreta, mostrando-se mais evidente isso na segunda narrativa, *Pai-Raiol, o Feiticeiro*.

Pai-Raiol: o feiticeiro



A segunda narrativa ocorreu na fazenda de Paulo Borges, um rico fazendeiro da província do Rio de Janeiro, que era casado com Teresa, uma mulher jovem, simples e honesta. Porém, como todos buscavam melhorias e cada vez mais lucros, Paulo Borges decidiu aumentar suas terras. Ao participar da arrematação de escravos, comprou mais vinte escravos, entre eles, Pai-Raiol e Esméria. Nesse sentido, percebe-se que “ambos os escravos era de excelente serviço, mas carregavam consigo o ódio e a maldade de escravo, como a maioria daqueles que viviam em péssimas condições de vida e maltrato (MARTINS, 2013, p. 27).”

Pai-Raiol tinha como características físicas, de acordo com a obra em estudo, ser um negro esquisito, de aparência horrenda, devido aos vários castigos recebidos. Quando chegou à fazenda, foi desprezado por Teresa e seus filhos. Pai-Raiol, era considerado um feiticeiro capaz de fazer mal a qualquer um. Nutria também uma paixão pela escrava Esméria, e costumava dizer que ela “nem sempre era uma escrava boa, ela só aparentava para melhorar sua condição de escrava, e ainda era aliada a Pai-Raiol, na qual Esméria ficava por pressão e por medo do feiticeiro” (MACEDO, 2012, p. 45). Juntos começaram a planejar uma forma de conseguir a sua alforria, tendo sido capazes de arquitetar a morte da família de Paulo Borges.

Ressalta-se ainda que Esméria era dona de uma beleza invejável, isso fica nítido quando “o senhor ficou escravo de sua escrava.” Assim, Pai-Raiol e Esméria levaram seus planos adiante e mataram Tereza e seus filhos por envenenamento. O autor enfatiza que Paulo Borges “olhou para Esméria, e viu que, além de escrava, ela era mulher” (MACEDO, 2012, p. 55).

O plano de Esméria passou a ter outros objetivos, ou seja, queria conseguir de qualquer maneira sua alforria e dar fim a Paulo Borges e Pai-Raiol, ficando com toda a fortuna. Enquanto isso, Lourença, a escrava antiga da família revelou a Paulo Borges que ele estava sendo traído e envenenado por Esméria. Numa briga com Pai-Raiol, conseguiu



matar o feiticeiro e Paulo Borges prendeu a escrava Esméria. O autor encerra sua narrativa ressaltando que:

A asa negra da escravidão roçara por sobre a casa e a família de Paulo Borges, e espalhara nelas a desgraça, as ruínas e mortes violentas dos senhores. Pai-Raiol e Esméria, algozes pela escravidão, esses dois escravos assassinos não podem mais assassinar, a escravidão, porém, continua a existir no Brasil. E a escravidão, a mãe das vítimas algozes é prolífica (MACEDO, 2012, p. 86).

A citação acima busca mostrar que a proximidade com a família, concedida aos crioulos, tornou-se um perigo constante, pois os brancos tornaram-se alvos fáceis aos olhos de quem procurava de qualquer forma resgatar sua dignidade. O que pode ser visto melhor no contato entre família e escravo na terceira narrativa.

Lucinda: a mucama

Na terceira narrativa, *Lucinda, a Mucama*, é contada a história de Cândida, “uma menina bela, serena, delicada e pura principalmente, filha de Florêncio da Silva e Leonídia, pais excelentes e protetores, na qual ganha de presente de aniversário do seu padrinho Plácido Rodrigues a mucama Lucinda” (MACEDO, 2012, p. 40). Lucinda era um ano mais velha que Cândida, e sabia fazer bonequinhos e roupas, pois ela era também educada, especialmente para servir as senhoras-filhas, ou seja, as filhas das sinhas.

Ao contrário do que se imaginava, Lucinda tinha em seu coração a maldade da escravidão, e devido a essa maldade, logo ela começou a influenciar Cândida, menina pura e de bons costumes perante a sociedade. Sendo assim, Martins (2013), nos diz que:

Lucinda então ensina a Cândida tudo o que acontece quando “uma menina vira moça”, ensinando-a também como lidar com os namorados, como ela devia seduzi-los, e lhe dando conselho pessoal levando a dizer que “é mais divertido namorar vários rapazes ao mesmo tempo” (p. 41).



Logo os pais de Cândida notaram o comportamento diferente de sua filha, mas não passava pela cabeça deles o que seria essa mudança. A partir de uma análise da obra percebe-se que:

A mucama escrava se recomenda, pois, a menina, e ganha toda a sua confiança pela importância delicada, e até certo ponto confidencial, do mister que desempenha no toucador; a mucama, embora escrava, é ainda mais do que o padre confessor e do que o médico da donzela: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o médico ainda nos casos mais graves de alteração da saúde conhece - lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto como o padre, e o corpo muito mais do que o médico (MARTINS, 2013, p. 92).

A escrava se encontrava imersa nos vícios da escravidão e, ao ser colocada junto a uma menina inocente, como Cândida, iria arrastá-la para esta mesma corrupção moral, própria da escravidão. Lucinda começou a ser vista como rebelde e de má influência, fazendo com que Cândida mudasse seu comportamento até mesmo com seus pais.

Pode-se dizer que a obra é favorável à abolição dos escravos, não por pensar na condição em que os escravos viviam, mas porque a perversidade dos escravos iria voltar-se contra seus senhores. Em algumas passagens do livro, o narrador afirma que não é porque o escravo é africano que ele é mau, mas sim porque a condição de escravos faz isso com ele.

A mucama Lucinda planejava um golpe para obter a riqueza de Cândida, fazendo a inocente se apaixonar por um francês. Mas Frederico, um jovem rapaz que era apaixonado por Cândida, resolveu, por conta própria, investigar quem era esse francês, descobrindo que ele era Dermani, um criminoso fugitivo. Nesse sentido, “o amor de Frederico por Cândida, a auxilia, descobrindo todo o plano maligno de Lucinda, a qual tenta fugir, sendo capturadas, estas a entrega ao governo, abandonando-a a sua própria sorte” (MARTINS, 2013, p. 29).



A partir dessas considerações, faz-se necessário discutir o papel da mulher escrava, especialmente no tratamento da resistência dessas escravas em relação ao sistema escravista no Brasil no século XIX.

Mulheres escravas: resistência e sobrevivência

Os processos de resistência à escravidão fazem parte do cotidiano e imaginário dos brasileiros há muito tempo. Quando se fala da mulher negra, negada como pessoa durante a escravidão, deve-se procurar abordá-la com outro olhar, pois “pensa-se que a partir daí será possível compreender os processos de lutas como fator de resistência ao sistema de escravização e exploração humana” (MARTINS, 2013, p. 31). No entanto, é nítido que a escravidão não foi apenas um processo entre dominadores e dominados, mas um processo em que houve resistência e lutas para concretizar seus ideais, ou seja, a liberdade.

Os senhores e a sociedade viam os negros como inferiores, ainda mais quando se tratava da liberdade desses escravizados, os quais, para os senhores, não saberiam se “comportar” diante de tal liberdade, dessa forma Borges (2001), enfatiza que:

No processo de apropriação do trabalho cativo, muitas atitudes dos escravos rompiam com o estabelecido e com o domínio senhorial. O “mau serviço” prestado pela escravaria, por exemplo, que expressa ação de resistência às imposições senhoriais, podia ser motivo de conversas entre proprietários, assim, como deixar um desconhecido entrar casa adentro (p. 59)

A resistência das mulheres negras era uma maneira de elas se colocarem de modo ativo em relação ao seu senhor, para resistirem ao sistema escravista, ou seja, “na luta pela liberdade, eram mestres da dissimulação como nas ocasiões de fuga” (BORGES, 2001, p. 64). Haja vista os diversos artifícios usados para enganar seus donos, e concretizados nas fugas para quilombos, ou nos suicídios, assassinatos e sabotagens.



É interessante observar como Macedo (2012) apresenta as famílias e as formas de resistência do negro no romance *As Vítimas Algozes*. A personagem de sua terceira narrativa, *Lucinda a mucama*, não era diferente, pois os “males” da escravidão seriam a consequência da degradação provocada por ela para os próprios senhores.

Lucinda era aos doze anos de idade uma crioula quase mulher, tendo já tomado as forma que se modificam ao chegar à puberdade: um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, afetada sem excesso condenável ao andar, muito viva e alegre, garrula, e com pretensões a bom gosto no vestir, com aparências de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, e mostrando-se desde primeiro dia amante de sua senhora, e ufanosa do seu mister de mucama, costurando perfeitamente, engomando bem toda e qualquer roupa de senhora, sabendo trançar e anelar com papelotes cabelos de meninas, ao que ele chamava saber pentear, falando em modas e em figurinos franceses, bordando um pouco, exprimindo-se com facilidade e sem notáveis erros na linguagem trivial, e finalmente fazendo bonecas de pano, tornou-se em poucos dias muito estimada de sua senhora. (MACEDO, 2012, p. 93).

Lucinda inicialmente é descrita pelo autor como uma mucama competente, prezada, ágil, habilidosa, vista de maneira positiva, pois desempenhava bem as suas funções. Mesmo sendo perspicaz, disfarçadamente, escondia os vícios das perversões da escravidão, pois era uma jovem escravizada, privada de educação moral, sendo a ela negado qualquer direito de mulher ou de pessoa.

Em algumas famílias esta pratica imprudentíssima é banida; mas em todo caso a mucama escrava toma conta da roupa da senhora-moça, ajuda-a a despir-se e a vestir-se, é a conselheira do seu toucador, e na costura a e executora das modas dos vestidos, confidente obrigada dos segredos das imperfeições do seu corpo que se disfarçam, e das belezas de suas formas que se fazem sobressair (MACEDO, 2012, p. 92).

A mucama escrava ganhou a confiança de Cândida, conhecendo-a melhor que ninguém, sabendo os seus segredos, desejos e medos, ou seja, conhecendo a alma e o corpo de sua senhora. Cândida cada dia ia ficando mais dependente de sua mucama.



A visão do autor mostra os vícios que a escravidão acarretava e como afetavam a todos que nela viessem a se envolver. Portanto, Lucinda começou a corromper a base da educação de Cândida, contagiando-a com suas atrocidades e experiências na arte de manipulação. Macedo (2012) aponta que:

A escrava abandonada aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da praticados vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a infância, desde a primeira infância testemunhando torpezas de luxúria, e ouvindo eloquência lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão, e não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas ideias sensuais (p. 100).

Dessa condição de escrava é que vinha o interesse da mucama, o prazer que ela tinha em corromper o coração da menina e de encher de conhecimentos maldosos e de pensamentos desonestos a mente da garota. Lucinda se encontrava mergulhada na condição de escrava, carregando consigo uma inveja de sua senhora, pela vida de Cândida, pela forma de se vestir, de falar e de ser presenteada, levando-a para corrupção moral da escravidão, fazendo com que Cândida desrespeitasse todos os aprendizados dados por seus pais.

A despeito dos mestres que ensinam zelosos, a despeito de vossa esposa que solicita vigia, estará ao pé de vossa filha uma hora só, alguns minutos apenas em cada dia, uma escrava, e de sobra uma só, a sua mucama que com a palavra, o gesto, o elogio, a lisonja, a indiscrição, a petulância, e a protéria dos seus vícios, dos vícios próprios da sua miserável condição de escrava, comprometerá, arruinará o grande empenho do vosso amor, plantará no coração de vossa filha a ciência do mal, muito antes do prazo em que o mundo lhe devia ensinar (MACEDO, 2012, p. 92).

Por conseguinte, Cândida passava a conviver com falsos e baixos conceitos da mucama, mesmo sendo uma moça “honesta”, ela recebia e guardava uma boa parte da lição imoral que a ia desmoralizando a cada dia.

A impune observadora do abandono do corpo da donzela, nas traidoras revelações do sono agitado ou descuidoso, e a contadora de histórias e perigosa



noveleira que fala e conversa enquanto ajuda a despir à senhora-moça e a distrai com sua garrulice nas noites de vigília, a mucama escrava ganha em breve à confiança e a amizade da pobre inocente, e umas vezes por maldade, e em outras muitas sem consciência do mal que faz, revela-lhe mistérios cuja insciência é o matiz da virgindade, põe em tributos cruéis e vai gastando o seu pudor com explicações rudes em que não sabe medir o pudor da palavra (MACEDO, 2012, p. 93).

Cândida é vista como uma moça ingênua, vítima de sua escrava, uma vez que, ao ser colocada ao lado de Lucinda, vai perdendo o seu costume de boa moça. Mas, no desenrolar da narrativa, percebe-se que Cândida, mesmo sabendo de que tudo o que a mucama estava lhe ensinando era contra a educação passada pelos seus pais, ela preferiu, às escondidas, se opor contra os valores familiares. Diante disso, nota-se que

Cândida, porém, se mostrou ainda mais vítima da influência perniciosa da mucama que lhe envenenaram o espírito desde menina, encantando-se menos do quadro suave e elevador da modéstia, do pudor, e da reserva angélica das donzelas recatadas ou inocentes, do que da expansão ousada, do olhar provocador, dos sorrisos maliciosos, e desse louco embevecimento, e desses ridículos esgares das moças namoradeiras, pobres e inconsideradas algozes do mais precioso dos seus tesouros, - da virgindade do sentimento (CRUZ, 2011, p. 38).

Lucinda aproveita as curiosidades de Cândida, causando intrigas contra seus próprios pais, estimulando a desmoralização através da perversidade e arrastando Cândida para a “perdição”. A mucama aproveitava a curiosidade de sua sinhá-moça e aos poucos ia incentivando-a a conhecer vários homens, tornando Cândida uma “escrava de sua escrava, infeliz vítima de uma opressão social” (MACEDO, 2012, p. 98).

Lucinda seduzia e dominava, deixando sua sinhá-moça cada vez mais curiosa para ouvir e aprender os ensinamentos dados pela mucama. Cândida guardava tudo o que a mucama lhe dizia e ensinava, sendo este um segredo entre elas. Diante da obra em análise, percebe-se que:

As observações imorais, e o elogio honesto e nobre, a lição da escrava a inspiração do homem livre, os ímpetos exigentes da vaidade e o reconhecimento do poder e do encanto da modéstia e da inocência não podiam combinar-se porque se repugnavam, amalgamaram-se, porém à força no



espírito já egoísta e viciado de Cândida, e dessa mistura de princípios contraditórios e repulsivos uns do outros tirou ela, sem o pensar talvez, um sistema vil, indigno da sua idade generosa, da educação que devia a seus pais, e da nobreza do seu sexo, um sistema que se resumia, e que se resumiu em uma palavra – hipocrisia (MACEDO, 2012, p. 105).

O fingimento e a falsidade de Cândida eram, nesse caso, um refúgio para encobrir os estragos morais, os quais a companhia de sua mucama produzira. Dessa forma, Lucinda aproveitava as oportunidades que encontrava para lutar por aquilo que desejava, a sua liberdade. Ela se fazia de submissa e obediente, para que, às escondidas, cometesse seus deslizes, como uma forma de resistência escravista.

Lucinda não é que tem maior culpa: ela é o que fizeram ser, escrava e consequentemente foco de peste; porque não pode haver moralidade, honra culto do dever da escravidão, que é a negação de tudo isso. Que importa ao escravo o dever, se eles não têm direitos?... A escrava que vive que tem uma segunda natureza tolerada e adotada nela, pela sociedade escravagista, no gozo sensual, na depravação dos sentidos, com há de respeitar, aconselhar, e crer o recato, a honestidade, a pureza da donzela?... A escrava é o que a fazem ser: a sociedade escravagista se envenene com o veneno que prepara e impõe. Lucinda pelo menos não é a única criminosa: é escrava; procedeu como as escravas procedem, conforme as condições de sua condição junto da inexperiência. A escrava junto da menina donzela (MACEDO, 2010, p. 57).

De acordo com Macedo (2012), Lucinda representa as mulheres escravas do Brasil do século XIX, uma vítima direta da escravidão, classe que era oprimida e sem os seus direitos de mulher. “Lucinda é o exemplo de mulher que não desanima diante da luta, dos obstáculos e dificuldades, era mulher guerreira que buscava e encontrava saídas para resistir e sobreviver á escravidão imposta” (MARTINS, 2013, p. 44). Lucinda queria ser livre como sua senhora, fazendo uso de tudo que sabia para conquistar a liberdade tão almejada.

O fato de Lucinda ser tratada como objeto revela que ela era mantida ao lado da família como acessório, sendo importante nas realizações das tarefas domésticas e “companheira” de sua senhora. Lucinda era apresentada para a sociedade como uma



escrava que carregava consigo a torpeza e os males da escravidão. Na condição de escrava, Lucinda não tinha direito de constituir família, sendo vista apenas como um objeto sexual. A mucama, ciente de sua sensualidade, não recua diante da oportunidade de conquistar sua liberdade, mesmo tendo que usar seu corpo.

Percebe-se que desde as mucamas até as cozinheiras e amas de leite, presentes na vida doméstica da sede, todas as mulheres negras eram vulneráveis à violência sexual do homem branco, porque, dentro do casamento, as condutas impostas pela moral conservadora e pela igreja limitavam a vida íntima e conjugal das mulheres brancas de família.

A mulher negra é percebida na ótica do senhor da casa grande, o homem branco e simboliza o desejo, o prazer, disposição do senhor de pertences, do senhor dos corpos, do senhor da pele da mulher negra. O lugar dessa mulher é uma casa que não existe, sua função reduzida a de um bem, seu ser, responsável pelos ataques sexuais dos quais era submetida. Sinaliza uma dominação masculina carregada de especificidade, na medida em que acrescenta ao de gênero o de uma raça que existe para servir (GIACOMINI, 1988, p. 60).

Então, à mulher negra cabia com frequência o papel de satisfazer o seu dono, o de responsável pela iniciação sexual do “senhorzinho”. E quando não explorada por outros escravos e terceiros como uma “negra de ganho”, seja pela exploração de seus dotes de quitanda com a venda de quitutes no comércio de rua ou por meio da prostituição.

O autor se preocupa em abordar o perigo que as famílias corriam quando deixavam mucamas, como Lucinda, perto de suas filhas, pois elas dissimulavam, enganavam, e atacavam a moralidade, desvirtuando a moça dos bons costumes que lhe eram passados. Nesse contexto, Lucinda era capaz dos mais horrendos crimes, e só sua liberdade poderia torná-la virtuosa, sem a corrupção da escravidão.

As diversas representações acerca do escravo na historiografia e na literatura apontam para a preocupação de historiadores e literatos ao pensarem e analisarem o papel



do escravo na história do Brasil. Joaquim Manuel de Macedo (2012), em sua obra *As Vitimas Algozes*, representa a fonte do mal que assombrava as casas senhoriais, onde todo tipo de escravidão corrompia os escravos e tornava os seus senhores vítimas potenciais.

Considerações finais

Esta pesquisa objetivou elucidar, com um olhar mais aguçado, os processos de resistência dessas mulheres escravizadas e a busca pela sua identidade, usando a indução por meio da fala como forma de resistência para sobreviverem ao sistema escravista. Nesse contexto, o poder de reação da mulher escrava e a conscientização da sua condição foram fatores suficientes para articular e renovar suas forças em direção à liberdade que almejavam. À escrava Lucinda só restava resistir à escravidão e lutar por seus direitos, buscando, dessa forma, o seu “espaço” dentro da sociedade, ficando disposta a resistir e impor-se através indução.

Salientou-se que a historiografia nacional por séculos procurou tratar a história do sistema escravista a partir da visão etilizada, de quem tinha espaço na sociedade brasileira, os “senhores brancos”. Diante disso, “já a partir da década de 1970 essa historiografia ‘irrompeu’ trazendo uma grande expansão de estudos históricos das pesquisas, publicações de livros, artigos [...]” (RAGO, 1999, p.23).

Contudo, os (a) negros (as) sempre resistiram à imposição do cativeiro e, por meio de sua luta e resistência, leis foram criadas para tentar minimizar a situação de escravidão. A luta, os embates, as rebeliões, os conflitos e a resistência prosseguiram livremente.

Tendo em vista a importância do tema, conclui-se esta pesquisa sem necessariamente concluir, por considerar relevante a realização de novas pesquisas envolvendo essa temática, em que também se percebe a necessidade de abordar a mulher negra escravizada do século XIX e a mulher negra inserida na sociedade de hoje, ou seja, essa pesquisa abre diversas problemáticas para realização de trabalho futuros.



Lista de fontes

MACEDO, Joaquim Manoel de. **As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão** Rio de Janeiro: Typografia a Americana, 2012.

Referências

BORGES, Valdeci Rezende e PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. “Imagem do Negro em Machado de Assis.” In: **Machado de Assis. Outras Faces**. Uberlândia: Aspectus, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de teoria da história**. Ano 1, nº 3. Catalão: UFG/Câmpus Catalão, 2010.

CRUZ, Leonardo. **Negros: Lutas e Resistências**. Pires do Rio: UEG/Campus Pires do Rio, 2011.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: uma introdução história ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1988.

GOMES, Luciana. **O poder dos negros e suas resistências**. Átila – São Paulo, 2003.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **As Vítimas Algozes: quadros da escravidão**. Parte III “Lucinda a mucama”. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão**. Rio de Janeiro: Typografia a Americana, 2012.

MARTINS, Silvia de Assis Silva, **A resistência da escravidão negra no Brasil, a partir da obra As Vítimas Algozes de Joaquim Manoel de Macedo**. Pires do Rio: UEG/Câpus Pires do Rio, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: contexto, 2009.

PINTO, Fabio Bortolazzo. **Nota biográfica em A carteira de meu tio**, L&PM Pocket, 2008.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



RAGO, Margareth. **A nova Historiografia Brasileira**. Porto Alegre, nº11, 1999.

Sobre os autores

Igor Gonzaga Lopes

Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás e em Pedagogia pela Faculdade Entre Rios de Piauí. Especialista em História da África. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Especialista em Metodologias de ensino em Filosofia e Sociologia. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Campus Catalão. E-mail: igorgonzaga1@hotmail.com

Carina Loureano de Carvalho

Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Pires do Rio. E-mail: carinaloureano@yahoo.com.br

Recebido em: 19/04/2016

Aceito para publicação em: 20/05/2016